

## LINGUAGENS ALTERNATIVAS E ENSINO DE HISTÓRIA: O USO DOS FOLHETOS DE CORDEL NA SALA DE AULA

Fábio Ricardo Silva<sup>1</sup>

A proclamação da República datada em 15 de novembro de 1889 é oriunda de mudanças globais que refletem de forma acentuada no mundo ocidental como, o fim do tráfico negreiro, a abolição da escravatura e a revolução industrial, esta última buscando obter novos mercados e mão de obra consumidora para seus produtos. Outro fator importante foi o processo de industrialização vivenciado à época pelo Brasil.

Tais transformações anunciavam a necessidade do “novo”, pois, o antigo regime centralizador não foi capaz de perceber e acompanhar a nova e moderna economia que surgia a partir da segunda metade do século XIX.

O distanciamento imperial da nova conjuntura política foi favorável ao surgimento de um novo regime, o republicano, que trazia consigo a concepção da “*coisa pública*”, forjando no imaginário popular a possibilidade de participação e engajamento na vida política, mas tal feito não foi alcançado, por esse motivo, José Murilo de Carvalho dispõe que: “O povo assistiu bestializado à proclamação da República” (CARVALHO. 2005: 140).

A construção dessa nova ordem não foi feita pelo povo brasileiro, e sim por uma elite intelectual e grupos econômicos descontentes com a monarquia, esses, influenciados por ideias revolucionárias, como, por exemplo, a Revolução Francesa e o Liberalismo Americano.

Murilo de Carvalho aborda que as ideias revolucionárias foram assimiladas conforme as necessidades e os quereres dos republicanos, na maioria das vezes tais ideias se misturavam, e dessas misturas surgiam “novas ideologias”, a seguir esclarece o autor:

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bolsista PIBIC/CNPq/UFRPE. E-mail: [fabioricardosilva@gmail.com](mailto:fabioricardosilva@gmail.com). Orientando da Professora Doutora Maria Ângela de Faria Grillo, Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: [lagrillo@msn.com](mailto:lagrillo@msn.com)

*O início da República foi uma época caracterizada por grande movimentação de ideias, em geral importadas da Europa. Na maioria das vezes, eram ideias mal absorvidas ou absorvidas de modo parcial e seletivo, resultando em grande confusão ideológica. Liberalismo, Positivismo, Socialismo, Anarquismo, misturavam-se e combinavam-se das maneiras mais esdrúxulas na boca e na pena das pessoas mais inesperadas. (CARVALHO. 1987: 42)*

Ainda sobre o entender de José Murilo de Carvalho, ao problematizar o livro *Formação das Almas*, o autor adverte para as várias concepções políticas defendidas por alguns grupos após o quinze de novembro. Desse modo, ele direciona o nosso olhar para a pluralidade desse evento histórico, no momento de transição, deixando claro a sua preferência pelo termo proclamações ao invés de proclamação da República.

Sendo assim, Carvalho expõe algumas faces do novo regime. São eles: a República Militar, de Deodoro da Fonseca, a República Sociocrática, de Benjamin Constant, e a República Liberal, de Quintino Bocaiúva.

Para os *deodoristas*, a sociedade brasileira era dominada por uma elite bacharelesca, que não respeitava a dignidade militar.

*(...) Ele foi defendido principalmente por setores militares desvinculados da propaganda republicana. Os deodoristas eram, sobretudo, os oficiais superiores que tinham lutado na guerra contra o Paraguai. Eram os inúmeros parentes que cercavam o marechal. (...) Esse grupo não tinha visão elaborada de república, buscava apenas posição de maior prestígio e poder, a que julgava ter o exército direito após o esforço de guerra contra o Paraguai. (CARVALHO. 1998: 38)*

A República Sociocrática, de Benjamin Constant, se caracterizou pelos ideais corporativistas e por serem contrários ao militarismo dos *deodoristas*. Esse grupo defendia a ideia de que Benjamin Constant foi o grande responsável pela revolução que fez com que o Brasil deixasse de ser Império, transformando-se em República.

*(...) Era o catequista, o apóstolo, o evangelizador, o doutrinador, a cabeça pensante, o preceptor, o ídolo da juventude militar. Benjamin não aparece em primeiro lugar como representante da classe militar, como vingador e salvador do exército. Aparece como o professor, o teórico, o portador de uma visão histórica, de um projeto de Brasil. (...) Os sociocráticos, ou positivistas, eram inimigos abertos da democracia representativa, para eles característica do estado metafísico da humanidade. Em seu lugar deveria ser implantada a ditadura republicana, forma de governo inspirada na tradição clássica romana como na figura do Danton, dos tempos do Comitê de Salvação Pública, da Revolução Francesa. (CARVALHO. 1998: 40, 41)*

A República Liberal proposta por Quintino Bocaiúva era incompatível aos moldes positivistas, porém, esses liberais se aproximavam ideologicamente dos *deodoristas*. Quintino era a favor da aliança com os militares para promover a implantação da República.

*(...) A decisão é dos históricos, é do chefe do Partido Republicano; os militares são os instrumentos livremente aceitos para implementá-la. Quintino sugere que a própria questão militar teria sido parte da tática republicana de agitar os quartéis contra o governo. (...) A afirmação do papel dos históricos era, portanto, importante para garantir a posição dos civis na proclamação e a perspectiva liberal da República. Mas era impossível negar o aspecto militar do evento e o caráter inesperado de sua eclosão. (Carvalho. 1998: 51)*

A partir desse prisma e da conjuntura política, podemos perceber através das várias construções pós 15 de novembro, a influência de uma ideologia positivista. Pois, esses sujeitos históricos buscavam construir uma história oficial da Proclamação da República, não deixando de citar os seus heróis.

A República Velha durou, exatamente, quarenta e um anos, e foi marcada por dois importantes momentos. O primeiro ficou conhecido como a República dos militares (República da Espada). Já o segundo, como República Oligárquica (República do Café com Leite).

Esse último foi marcado pelo revezamento de fazendeiros mineiros e paulistas no poder, sendo assim até os anos de 1930.<sup>2</sup> Esse momento histórico foi marcado por grandes insatisfações e inúmeras revoltas sociais, tais como, A Guerra de Canudos, O Cangaço, A Guerra do Contestado, A Revolta Contra a Vacina Obrigatória, A Revolta das Chibatas e as Revoltas Tenentistas.

É dentro desse cenário que vão surgir os poetas do povo, homens simples, porém atentos à vida política e ao cotidiano. Com muita cantoria e gracejo vão abordar sobre temas sociais e do imaginário popular.

A conjuntura política da primeira República foi alvo frequente dos poetas de cordel. Um exemplo claro é o folheto intitulado como *A discussão de Rufino Fonseca com Antônio Eugênio*<sup>3</sup>. Um embate entre Monarquia e República, o velho e o novo. O

<sup>2</sup> Para mais informação ver CURRAN, História do Brasil em Cordel. 1998, P. 38-40.

<sup>3</sup> Folheto de autoria de João Ferreira de Lima S/D. [www.casaderuibarbosa.gov.br](http://www.casaderuibarbosa.gov.br)

velho (passado) será representado pela figura de Rufino Fonseca e o novo (presente) pelo personagem de Antonio Eugenio.

**(Antonio Eugenio)**

*Era pobre a nação  
Desde o sul até o norte  
Não existia transporte  
Nada havia exportação  
Nem carro nem caminhão  
Nem telegrama decente  
Nem rádio suficiente  
Nem telefone nem trem  
Hoje tudo isso tem  
Tempo bom é o presente.*

**(Rufino Fonseca)**

*Do jeito que o senhor diz  
Vai me dando mil razões  
Foram essas invenções  
Que desgraçou o país  
Desde o padre ao juiz  
Fazem o mundo explorado  
Mais um imposto danado  
Um govêrno morto a fome  
O nosso lucro êle como  
Tempo bom foi o passado.*

É apartir desse olhar, que objetivamos expor a literatura de cordel como recurso interdisciplinar em sala de aula. Visto que, tal recurso pode promover ao alunado outras representações de um fato histórico.

Além disso, o cordel pode ser aplicado em sala de aula como linguagem alternativa no ensino de história, auxiliando o livro didático.

Dentro dessa perspectiva histórica, iremos promover uma análise do período, buscando compreender os pontos de aproximação e distanciamento entre a poesia de cordel e os textos dos livros didáticos em relação ao período aqui estudado.

## **LITERATURA DE CORDEL: UMA LONGA TRAJETÓRIA**

A literatura de cordel é de origem Árabe e tradição oral, porém esse gênero se difundiu pela Europa com seus poemas de improviso, ganhando mais visibilidade com a criação da Imprensa no século XVI.

Os folhetos de cordel tiveram grande aceitação das camadas populares em países da Europa como França, Inglaterra, Espanha e Portugal nos séculos XVII e XVIII. Na França, os livretos eram conhecidos como *littérature de colportage*, pois, esses folhetos eram vendidos pelos colporteurs, ambulantes que comercializavam com mercadoria penduradas em seus corpos. Essa literatura era produzida a baixos custos e suas capas eram todas na cor azul, por isso o conjunto dessa obra era conhecido como *bibliothèque bleue* pelos franceses<sup>4</sup>.

Na Espanha os folhetos eram conhecidos como *pliegos sueltos* e sua comercialização se destinaram as camadas populares como também foi em Portugal, entretanto, neste último país a literatura de cordel ficou conhecida como *folhas volantes*, pois, esses folhetos eram vendidos pendurados em cordões.

A literatura de cordel chega ao Brasil por influência portuguesa, resignificando os personagens do imaginário europeu medieval às conjunturas de um novo território, este influenciado por povos nativos e vindos da África.

*A literatura de cordel chega ao Brasil juntamente com a colonização portuguesa, mas se transforma rapidamente, passando a estabelecer uma existência autônoma. As primeiras histórias de reis, rainhas e heróis, dão lugar à criação de novas matizes ao chegar no Brasil, misturando-se com outros contos de origem africana e indígenas. (GRILLO. 2008: 429)*

Abaixo observaremos um fragmento de cordel que relata um pouco sobre a trajetória desse gênero literário.

*Não se sabe exatamente  
O cordel de onde veio  
Alguns afirmam que os mouros  
Lhe serviram de correio  
Até a Península Ibérica  
E de lá pra nosso meio.*

---

<sup>4</sup> O fenômeno não é, aliás, exclusivamente Francês: em Inglaterra ou em Espanha, é também nos séculos XVII e XVIII que se multiplicam os pequenos livros de grande circulação, destinados a um público que, na sua maior parte é popular. Em Inglaterra, os *chapbooks* (ou livros de venda ambulante) são vendidos a um preço irrisório (entre dois e quatro *pence*) e impresso às centenas de milhar. CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. 2ª Edição. Difel, 2002.

*Pois lá na Península Ibérica  
Cordão se chama cordel  
Onde eram penduradas  
As folhinhas de papel  
Nascendo daí o nome  
Desta cultura fiel*

*O cordel viajou sempre  
Nessa marcha cultural  
Conduzindo a influência  
Da cultura oriental  
Embora o seu nome seja  
De origem provençal*

*Menestréis da Idade Média  
Narravam grandes contendas  
Entre príncipes e dragões  
Muitas batalhas horrendas  
E contos lá das Arábias  
Traçados de velhas lendas*

*O cordel sempre cresceu  
Numa dimensão tamanha  
Espalhou-se pela França  
Em Portugal e Espanha  
A existência dos fatos  
Lhe servindo de campanha.<sup>5</sup>*

A poesia popular do cordel se apresenta ao leitor de forma simples através de pequenos livros, medindo cerca de 12 X 16 cm, com 8, 16, 24 ou 32 páginas.<sup>6</sup> Esse gênero logo ganha espaço entre as massas populacionais do nordeste, ficando conhecido como literatura popular.<sup>7</sup> Seus poetas são homens simples que aprenderam a ler em meio as aflições do dia a dia.

Entretanto, o cordel sobrevive independente do sistema literário institucionalizado. Sem grandes acadêmicos, o lugar desses poetas, ou seja, a academia dos cordelistas eram as feiras e praças públicas, onde o cantador recitava seus versos, às vezes acompanhados ao som da viola.

---

<sup>5</sup> **A Didática do Cordel** – Autores: Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana. Folheto consultado a partir do site <http://www.cnfcp.gov.br/> - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral - RJ.

<sup>6</sup> Segundo GRILLO, os folhetos são compostos a partir de folhas de papel jornal dobradas *in quarto*, por isso os folhetos se apresentam sempre contendo o número de páginas em múltiplos de quatro.

<sup>7</sup> O cordel, mais uma vez, é caracterizado como um meio híbrido: popular em termos de produção, disseminação e consumo, enquanto conservadoramente folclórico no pensar de seus poetas *tradicionais* e do público. (CURRAN.1998: 19).

*Os cordéis eram lidos pelo folheteiro nas feiras e, posteriormente, em saraus e reuniões coletivas, onde ocorriam as narrações de contos e as cantorias. A memorização desses poemas era facilitada pela própria estrutura narrativa e formal dos poemas, e, por isso, considerada, pelos leitores/ouvintes, como um processo de apropriação da leitura. (GRILLO, 2005: 8).*

A literatura de cordel também conhecida como literatura “popular” tinha (continua tendo) caráter jornalístico, levando aos lugares mais longínquos as notícias do seu tempo. Com muito humor e gracejo esses poetas cordelistas narravam os acontecimentos históricos de seu país através de versos.

Muitos eram os temas abordados pelos cantadores, alguns deles inspirados no imaginário medieval dos cavaleiros, outros voltados para as questões sociais como economia, política, religião e conflitos sociais, fatos da vida cotidiana e romances também faziam parte da narrativa do cordel.

Apesar de pouca instrução intelectual, os poetas de cordel não estavam alheios às questões políticas, essas frequentemente eram objeto de discussões e temas de muitos cordéis.

Veremos abaixo um fragmento do cordel “*Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos*”, de Minelvino Francisco Silva. Neste poema o poeta expressa o repúdio dos sertanejos pela República.

*- Esta maldita república –  
O Conselheiro dizia –  
Nós temos que a pôr abaixo  
E repor a Monarquia  
Pois a lei republicana  
À nossa terra atrofia!*

*O imposto é um absurdo,  
Por demais demasiado;  
O Governo traz o povo  
Do país escravizado –  
Quem pensar que estou mentindo  
Pode ir ver o resultado!*

*O presidente zangou-se;  
Mandou que se preparassem  
Dois mil soldados armados  
De tudo o que precisassem –  
Canhões e metralhadoras –*

*E ao Conselheiro atacassem.*<sup>8</sup>

A partir do fragmento de cordel abaixo (*Tiradentes: O Mártir da Independência*) perceberemos que o poeta Apolônio Sales narra a trajetória do processo de proclamação da República, legitimando o seu discurso de aceitação da nova ordem política.

*O Marechal Deodoro  
O primeiro presidente  
Da república brasileira  
Homem sério e consciente  
Que deixou nosso Brasil  
Para sempre independente.*

*Logo após ele ter feito  
Aqui a proclamação  
Da república, do Brasil  
Deixando livre a nação  
Do domínio português  
Findou-se a conspiração.*

*Portanto o nosso Brasil  
Hoje é realmente  
Embora a custo de sangue  
Mas venceu heroicamente  
Podemos considerá-lo  
Um país independente.*<sup>9</sup>

A partir dos cordéis expostos, resta clara a importância destes folhetos para o ensino de História. Pois, o gênero literário aqui defendido possibilita outro olhar do período abordado na presente pesquisa.

## **A LITERATURA DE CORDEL COMO FERRAMENTA INTERDISCIPLINAR NO ENSINO DE HISTÓRIA E APOIO AO LIVRO DIDÁTICO**

Parte da historiografia brasileira do século XIX narrou seus acontecimentos de forma factual, os grandes fatos, apenas eles tinham o direito de serem lembrados e contados. Durante muito tempo a nossa historiografia foi um ofício da elite, e essa nos impôs a um ostracismo intelectual, trazendo a tona apenas o que era de interesse de seu

<sup>8</sup> Minelvino Francisco Silva – **Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos** (s/d). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

<sup>9</sup> Autoria do poeta Apolônio Alves dos Santos - Datado de 10/08/1981. Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>)

grupo social, nos fazendo esquecer sujeitos que somaram conhecimento nos processos de evolução das sociedades no tempo.<sup>10</sup>

Essa mesma historiografia dizia que apenas os documentos oficiais podiam ser considerados como fonte histórica, todavia, “os historiadores da atualidade dizem que fonte histórica é mais do que o documento oficial: que os mitos, a fala, o cinema, a literatura, tudo isso, como produtos humanos, torna-se fonte para o conhecimento da história.” (VANDERLEI, 2006: 158) A professora e pesquisadora, Ângela Grillo nos adverte que:

*É preciso que se analisem os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e dos jornais tendenciosos, mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel, através dos folhetos, que mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles. (GRILLO. 2005: 12)*

Partindo dessa perspectiva, é possível compreender a importância da literatura de cordel como fonte histórica, memória e registro. Esses poetas, considerados como cronistas de seu tempo tinham uma importante função jornalística, além disso, o povo sentia-se representado por esses cantadores que expressavam a cosmovisão das massas na linguagem do povo.

A partir desse olhar, percebemos o grande valor da literatura de cordel como vestígio histórico, tomando como mote tal importância podemos trazer para o ensino de História novos caminhos e alternativas para o aprimoramento da utilização dos folhetos de cordel em sala de aula. Sendo assim, Hélder Pinheiro e Ana Cristina vão nos dizer o seguinte:

*Na sala de aula, é importante que o professor tenha sempre a preocupação em não transformar o folheto em mero relato jornalístico. O que interessa é perceber como o poeta se posiciona diante da história, tendo sempre em vista o caráter ficcional desta produção. (...) Lampião, assim como outros personagens da história do Brasil (Getúlio Vargas, Padre Cícero, Tancredo Neves, Antonio Conselheiro), desfila pelas páginas dos folhetos, assumindo ora posição de herói, escolhido para resolver as questões sociais, ora a posição de homem comum, com suas fraquezas e incertezas. Resta-nos ler*

---

<sup>10</sup> O historiador do século XX era, regra geral, um homem da elite, não apenas no aspecto da origem social, mas também da sua pertença a instituições controladas pelos grupos dominantes, por cargos na magistratura, no governo ou no magistério superior. Recrutado para ocupar tais posições, tinha a missão de garantir a solidez das instituições e perpetuar o mundo cultural das elites. FERREIRA, Antonio Celso. **O historiador e seu tempo.** In: Antonio Celso Ferreira; Holien Gonçalves Bezerra; Tânia Regina de Luca. (Orgs). O historiador e seu tempo. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH 2008.

*com atenção as histórias que estes personagens inspiram e, despertar nos jovens o interesse em saber um pouco mais sobre a nossa cultura, sobre a nossa história. (PINHEIRO; LÚCIO. 2001: 69 e 77)*

Para uma melhor visualização e entendimento sobre o objeto de estudo dessa pesquisa, iremos expor um fragmento de um livro didático de história da 8ª série (antiga classificação, atual 9º ano), cujo tema abordado é Cangaço.

*É importante lembrar que os primeiros movimentos sociais de grande vulto ocorreram ainda durante os três primeiros governos republicanos, como os de Canudos e a Revolta da Armada. No Nordeste, ainda nessa época, despontavam os cangaceiros. Figuras polêmicas, eles eram considerados por alguns como heróis e por outros como bandidos. (PILETTI. 2003: 30).*

No livro História & Vida Integrada, de Nelson Piletti e Claudino Piletti, voltado para o alunado da 8ª série (antiga classificação, atual 9º ano), os autores vão dispor de um capítulo com 9 páginas para discutir a primeira república no Brasil.

O livro didático oferece apenas dois parágrafos de discussão sobre o cangaço. O mesmo dispõe de uma imagem de Lampião e Maria Bonita, que contém uma pequena descrição sobre o cangaço.

Em contraponto ao livro didático supracitado, segue abaixo o fragmento do folheto de Gonçalo Ferreira da Silva, intitulado como “Lampião, o capitão do cangaço”. O folheto dispõe de 34 páginas e narra toda a trajetória de Lampião, do seu nascimento até sua morte com detalhes de fatos e muito gracejo.

*Este poema que fala  
de cangaço e de sertão  
é, apenas à cultura  
uma contribuição  
um documento vivo,  
da vida de lampião.*

*Por ser uma obra feita  
À luz da verdade viva,  
mostra a face nobre, humana  
e até caritativa  
de Lampião, se tornando  
a menos repetitiva.*

*Qual o homem mais famoso  
da nossa grande nação?  
Vargas não nos é estranho  
porém sem comparação  
internacionalmente*

*é sem dúvida o Lampião*<sup>11</sup>.

Diante do exposto, temos percebido que a Literatura de Cordel é um instrumento hábil para o ensino de história. Com essa ferramenta de auxílio, os professores poderão promover outros olhares ou representações acerca do período estudado aos discentes. Valorizando a criação, a crítica e a reflexão do alunado, e apresentando ao mesmo uma parte da sua cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos perceber que os folhetos de cordel, através do humor e do gracejo, revelam-se ferramentas aptas a serem utilizadas no Ensino da História, bem como da Literatura, visto que temos compreendido que os poetas cordelistas abordam com muita propriedade os fatos históricos.

Por meio de suas características populares, os cordéis encontrados até o presente momento expõem em suas cantorias os conflitos vividos na República com a mesma complexidade que os literários acadêmicos. Por isso, temos identificado que a cosmovisão do cordel representa de forma singular o Nordeste brasileiro com seus heróis e vilões do evento supracitado.

É a partir dessa perspectiva que temos vislumbrado a sala de aula como possível terreno fértil para repousar a literatura de cordel, esta, podendo ser um provável recurso didático hábil no ensino de Literatura e História.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2ª Ed. 2008.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira, 2ª Ed. 2006.

---

<sup>11</sup> Gonçalo Ferreira da Silva – **Lampião, o Capitão do Cangaço**. 1983. Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da República do Brasil**. 7ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes**. 1ª edição. Porto alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **Debate: Literatura e História**. *Topoi*, nº 1, pp. 197-216. Rio de Janeiro, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. 2ª Edição. Difel, 2002.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FERREIRA, Antonio Celso. **O historiador e seu tempo**. In: Antonio Celso Ferreira; Holien Gonçalves Bezerra; Tânia Regina de Luca. (Orgs). **O historiador e seu tempo**. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH 2008.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006.

GRILLO, M. A. F. **Arte, cotidiano e emoções nos folhetos populares nordestinos de 1900 a 1940**. In: Antonio Torres Montenegro; Antonio Paulo Rezende; Regina Beatriz Guimarães Neto; Isabel Cristina Martins Guillen; Flávio Wenstein Teixeira; Leny Caselli Anzai. (Org.). **História: cultura e sentimento: outras histórias do Brasil**. Recife; Cuiabá: Editora Universitária da UFPE; Editora da UFMT, 2008, v. 1, p. 429-446.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)**. Niterói, RJ. Tese de Doutorado – UFF, 2005.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A literatura de cordel e o ensino da história**. Universidade do Porto, Portugal: Artigo publicado no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2008.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo. Editora: Livraria duas cidades, 2001.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo. Editora: Contexto, 2005.

## Folhetos de Cordel Consultados

**A Didática do Cordel** – Autores: Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana. Folheto consultado a partir do site <http://www.cnfcp.gov.br/> - **Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral - RJ.**

Apolônio Alves dos Santos - **Tiradentes: O Mártir da Independência** Datado de 10/08/1981. Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

José Bernardo da Silva – **Discussão de Rufino Fonseca com Antonio Eugenio** (s/d). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Minelvino Francisco Silva – **Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos** (s/d). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Gonçalo Ferreira da Silva – **Lampião, o Capitão do Cangaço.** 1983. Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

## Livros Didáticos

SCMIDT, Mario. **Nova história crítica 7ª série.** São Paulo. Editora: Nova Geração, 2002.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História & vida integrada 8ª série.** São Paulo. Editora: Ática, 2003.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História do Brasil 2º grau.** São Paulo. Editora: Scipione, 1998.